

## DE UM MAR-LAGOA: TEMPO E ESPAÇO EM JOGOS DE LINGUAGEM MATEMÁTICOS DE CAMARADAS D'ÁGUA

*Juciara Guimarães Carvalho*  
*Universidade Federal de Santa Catarina*  
*juciaragcarvalho@gmail.com*

*Claudia Glavam Duarte*  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*  
*claudiaglavam@hotmail.com*

### **Resumo:**

Esse artigo apresenta entendimentos referentes a uma pesquisa de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Tem por objetos evidenciar os diferentes modos de habitar o tempo e o espaço vivenciados pelos pescadores artesanais de Florianópolis/SC e Tramandaí/RS e, analisar a racionalidade matemática emergente. A caixa de ferramentas é composta pela perspectiva pós-estruturalista da Etnomatemática apoiada pelo pensamento dos filósofos Wittgenstein com os conceitos de formas de vida, jogos de linguagem, gramática, semelhanças de família; Deleuze e Guattari com os conceitos de ciência maior e menor, tempo cronos e aion, espaço liso e estriado. No mundo da pesca artesanal o tempo é um tempo outro que se mistura, se divide, escapa, flui, corre e suspende. Trata-se de um espaço ora liso, nômade, ora estriado, mas sempre vivo, que flutua, desliza e mistura os caminhos ao criar condições para territorializar, des-territorializar e re-territorializar.

**Palavras-chave:** Jogos de linguagem matemáticos; Tempo; Espaço; Pescadores artesanais; Etnomatemática.

### **1. “Mergulhando” em outras formas de vida**

Sabes navegar, tens carta de navegação, ao que o homem respondeu, Aprenderei no mar. O capitão disse, Não te aconselharia, capitão sou eu, e não me atrevo com qualquer barco, Dá-me então um com que possa atrever-me eu, não, um desses não, dá-me antes um barco que eu respeite e que possa respeitar-me a mim, Essa linguagem é de marinheiro, mas tu não és marinheiro, Se tenho a linguagem, é como se o fosse.<sup>1</sup>

Navegando em águas outras buscamos lançar mão de uma trama investigativa para entender como o tempo e o espaço habitam os jogos de linguagem entre pescadores artesanais de Florianópolis/SC e Tramandaí/RS e ainda, evidenciar racionalidades matemáticas que emergem desses modos de habitar o tempo e espaço. A escolha por pesquisar em dois locais diferentes que possuem a presença de pescadores artesanais está vinculada a um projeto de pesquisa mais amplo intitulado Etnomatemáticas do campo de Santa Catarina (SC) e Rio

<sup>1</sup> SARAMAGO, 1998, p. 26-27.

Grande do Sul (RS): agricultores familiares e pescadores artesanais, que recebeu apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq<sup>2</sup>. Assim, diante das possibilidades de locais litorâneos, de ambos os estados, escolhemos a cidade de Florianópolis/SC pelo contato obtido em uma *experiência etnomatemática* anterior e, Tramandaí/RS por ser considerada a capital das praias do estado e de maior circulação de pescadores artesanais.

O mar que se constituiu essa pesquisa-pesca teve como propósito gerar visibilidade às possibilidades de interlocução entre os saberes colocados a operar em diferentes locais, de modo a contribuir teoricamente com o campo de pesquisa da Etnomatemática. Além disso, suscitar outras questões, ativando diferentes indagações, provocando outros agenciamentos com a finalidade de experimentar a pluralidade de possibilidades ao pesquisar diferentes formas de vida, ou seja, pensar a educação matemática a partir de outros lugares. Neste caso, perceber como o tempo e o espaço são colocados a operar na prática da pesca artesanal e o que podemos aprender com/sobre os *Camaradas D'água* em cada *mar-lagoa*.

Para tecer esta rede de pesquisa recorreremos a um fio teórico-metodológico de Wittgenstein com as noções de forma de vida, jogos de linguagem, gramática e semelhanças de família; de Deleuze e Guattari ao proporem as noções de ciência de maior (também chamada de régia ou de Estado), ciência menor (ou nômade ou de guerra), tempo e espaço e, dialogamos com Foucault com as noções de regime de verdade e jogos de saber/poder. Fizemos uso, também, de inspirações etnográficas que possibilitaram habitar os territórios de pesca, realizar um exercício sensível de escuta do *Outro*, de ver com olhos outros e sentir com o corpo todo, de experienciar outras águas, de embarcar em uma aventura cuja racionalidade matemática flutua, de viver um *presente vivo* que é constituído por sons, cores, falas, silêncios, gestos, expressões, afectos entrelaçado com a maré, o vento e a lua.

Nossas linhas de escrita, no presente artigo, seguem o movimento das ondas ao propor um momento para navegar por diferentes jogos que se entrecruzam: jogos de linguagem, jogos de saber/poder, jogos do tempo e jogos do espaço. E, por um “*pedacito de tempo*” descrever as formas de vida investigadas e colocar os jogos de linguagem dos *Camaradas D'água* para “jogar” envolvendo noções de medição e divisão do tempo e do espaço.

---

<sup>2</sup> Projeto de pesquisa financiado pelo CNPq. Chamada 43/2013 - Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas. Processo nº409228/2013-3.

## 2. Flutuando em diferentes jogos...

Observe, por exemplo, os processos a que chamamos “jogos”. Tenho em mente os jogos de tabuleiro, os jogos de cartas, o jogo de bola, os jogos de combate, etc. O que é comum a todos estes jogos? – Não diga: “*Tem que* haver algo que lhes sejam comum, do contrário não se chamariam ‘jogos’” – mas *olhe* se há algo que seja comum a *todos*, - Porque, quando olhá-los, você não verá algo que seria comum a todos, mas verá semelhanças, parentescos, aliás, uma boa quantidade deles. Como foi dito: não pense, mas olhe! (...) <sup>3</sup>.

Na perspectiva wittgensteniana <sup>4</sup> os jogos apresentam uma rede de semelhanças – em grande e pequena escala - que se sobrepõem uma às outras e se entrecruzam assim como os que “existem entre membros de uma família: estatura, traços fisionômicos, cor de olhos, andar, temperamento, etc. E direi: os ‘jogos’ formam um família” <sup>5</sup>. Embora seja possível falar sobre os jogos e suas regras ou ainda jogá-los, é impossível cercar a definição de jogo. “Não conhecemos os limites, porque não se traçou nenhum limite” <sup>6</sup>. O termo jogo é móvel e cambiante, aciona distintas maneiras de agir, prolifera diferentes significações e linguagens que estão em movimento podendo criar e inventar novas regras. Assim, formas de vida distintas podem transitar e compartilhar significações e modelos de racionalidade ativando vários pontos de contato. “Para estabelecer um “acordo” entre diferentes formas de vida, o papel desempenhado pelas respectivas gramáticas é tão importante quanto o caráter “aberto” dos jogos de linguagem” <sup>7</sup>.

O conceito de jogos de linguagem <sup>8</sup> também se apresenta de forma não limitada, mesmo sendo constituído por regras, por uma gramática. Da mesma forma, existem traços semelhantes ou ainda as semelhanças de família que aparecem e desaparecem entre diferentes

<sup>3</sup> WITTEGENSTEIN, 2014, §66, p. 51.

<sup>4</sup> O pensamento de Wittgenstein é dividido em duas partes. A primeira fase pertence ao *Tractatus Lógico - Philosophicus* (1922) em que apresenta uma relação isomórfica entre linguagem e mundo, ou seja, a linguagem como representação do mundo. Para Moreno (1986), o pensamento de Wittgenstein da primeira fase pensava a linguagem como possuidora de uma estrutura fixa, baseada na forma lógica. A segunda fase, ou fase de maturidade, pertence às *Investigações Filosóficas* (1953) e um dos pontos centrais é exatamente a crítica a uma essência lógica. De forma contrária, busca-se saber o “emprego da linguagem e aprender com ela funciona” (MORENO, 1986, p.68). No entanto, Moreno (1986) salienta que seria perigoso afirmarmos a existência de duas fases radicalmente distintas, sua segunda obra seria assim uma elaboração e aprofundamento das mesmas questões cruciais que antes estavam presentes no modo de pensar de Wittgenstein. Nessa pesquisa, recorremos aos pensamentos da segunda fase de Wittgenstein baseada na obra *Investigações Filosóficas*.

<sup>5</sup> WITTEGENSTEIN, 2014, §67, p.52.

<sup>6</sup> *Ibidem*, §69, p. 53.

<sup>7</sup> CONDÉ, 2004, p.171.

<sup>8</sup> Segundo Glock (1998) o termo jogo de linguagem surge quando, a partir de 1932, Wittgenstein passa a estender a analogia do jogo à linguagem como um todo. Sua principal função é chamar a atenção para as várias semelhanças entre linguagem e jogos dentre elas a existência de regras. “Aprendemos o significado das palavras aprendendo a utilizá-las, da mesma forma que aprendemos a jogar xadrez, não pela associação de peças a objetos, mas sim pelo aprendizado dos movimentos possíveis para tais peças” (GLOCK, 1998, p. 225).

jogos de linguagem. A função das semelhanças de família é interconectar as possibilidades de analogias, gramáticas e formas de vida diferentes<sup>9</sup>. Os jogos de linguagem participam de analogias ou contraposição entre si. Isso implica que não há uma caracterização de uma essência, pois os jogos de linguagem não possuem uma propriedade comum a todos, estão aparentados. Para Wittgenstein, jogos de linguagem são “a totalidade formada pela linguagem e pelas atividades com as quais ela vem entrelaçada”<sup>10</sup>. Fazem parte de jogos de linguagem o conjunto de expressões, gestos, comportamentos, fazeres peculiares de cada forma de vida. São atividades linguísticas e não linguísticas que se encontram interligadas em nossas práticas<sup>11</sup>.

Cada forma de vida é constituída na e pela linguagem, mais especificamente pelos jogos de linguagem, e a produção de significados estabelece os modos de pensar e agir no mundo. A racionalidade é tramada, criada e inventada no interior de uma forma de vida que coloca a funcionar suas significações. Na perspectiva wittgensteiniana, as significações produzidas por uma forma de vida não são arbitrárias, mas sim estão amalgamadas com o seu uso na linguagem. Em outras palavras, cada forma de vida aciona um jogo de linguagem e são atravessadas, a todo momento, pelos discursos dos quais participam nas relações sociais. “Os discursos não estão ancorados ultimamente em nenhum lugar, mas se distribuem difusamente pelo tecido social, de modo a marcar o pensamento de cada época, em cada lugar e, a partir daí, construir subjetividades”<sup>12</sup>.

Apesar de Wittgenstein e Foucault estarem situados em problemáticas distintas os filósofos se interessavam pela filosofia analítica pragmática de modo a realizar a análise do significado dos enunciados diante do contexto do seu uso. Para ambos:

não é possível qualquer (tipo de) pensamento e conhecimento que não esteja sempre comprometido com a posição daquele que pensa, conhece e fala; é impossível pensar, conhecer e falar independentemente de agenciamentos, interesses, valores e forças sociais.<sup>13</sup>

Nesse sentido, é possível afirmar que cada sociedade possui o seu “regime de verdade, “sua política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros”<sup>14</sup>. Trata-se de um jogo de

<sup>9</sup> CONDÉ, 2004.

<sup>10</sup> WITTGENSTEIN, 2014, §7, p.19.

<sup>11</sup> GLOCK, 1998.

<sup>12</sup> Ibidem, 2011, p.100.

<sup>13</sup> VEIGA-NETO; LOPES, 2007, p.21.

<sup>14</sup> FOUCAULT, 2000, p. 12.

saberes e poderes - considerados pelo filósofo como indissociáveis -, que tem o “poder enquanto elemento capaz de explicar como se produzem os saberes e como nos constituímos na articulação entre ambos”<sup>15</sup>.

As imbricações dos saberes e poderes permitem problematizar a politicidade do conhecimento gerando um movimento de desnaturalização de saberes que foram constituídos como verdades. Saberes estes, que muitas vezes são desvalorizados por serem concebidos como não-científicos, são “saberes sujeitados” discutidos por Foucault, em sua obra *Em defesa da sociedade*, mais especificamente na *Aula de 7 de janeiro de 1976*, na qual afirma

“os saberes sujeitados” são blocos de saberes históricos que estavam presentes e disfarçados no interior dos conjuntos funcionais e sistemáticos, e que a crítica pôde fazer reaparecer pelos meios, é claro, da erudição. Em segundo lugar, (...), eu entendo igualmente toda uma série de saberes que estavam desqualificados como saberes não conceituais, como saberes insuficientemente elaborados: saberes hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível do conhecimento ou da cientificidade requeridos.<sup>16</sup>

A insurreição dos saberes trata de fazer que intervenham saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia a hierarquia do conhecimento e da ciência. “Tratava-se do saber histórico das lutas”<sup>17</sup>.

O “saber das pessoas”, como chama Foucault, “não é de modo algum saber comum, um bom senso, mas, ao contrário, um saber particular, um saber local, regional, um saber diferencial, incapaz de unanimidade e que deve sua força apenas a contundência que opõe a todos aqueles que o rodeiam”<sup>18</sup>. Assim, gerar visibilidade aos saberes locais é realizar a insurreição dos saberes, mas “uma insurreição sobretudo e acima de tudo contra os efeitos centralizadores de poder que são vinculados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa”<sup>19</sup>. Não se trata de desencavar esses saberes e recodificá-los, mas sim exteriorizá-los da margem em que se encontram, ou ainda, borrar as fronteiras entre os saberes ditos científicos e saberes não-científicos, colocando-os ao lado. Aliada a esse posicionamento, nossa intenção é propor que se faça intervir os saberes dos pescadores artesanais, *Camaradas D’água*, para enfatizar as diferentes racionalidades com suas gramáticas específicas.

<sup>15</sup> VEIGA-NETO, 2011, p. 56.

<sup>16</sup> FOUCAULT, 1999, p. 11-12.

<sup>17</sup> Ibidem, p.13.

<sup>18</sup> Ibidem, p.12.

<sup>19</sup> FOUCAULT, 1999, p. 14.

Na linguagem deleuziana e guattariana, trata-se de uma máquina de guerra que opera com uma ciência maior (régia ou de Estado) e uma ciência menor (nômade). O adjetivo maior ou menor não significa juízo de valor, mas sim reforça que são diferentes. “Diante de um só e mesmo campo de interação onde uma ciência régia não para de apropriar-se dos conteúdos de uma ciência nômade ou vaga, e onde uma ciência nômade não para de fazer fugir os conteúdos da ciência régia”<sup>20</sup>. A ciência maior considera a multiplicidade de saberes imersa em um espaço homogêneo, fechado e fixo. Fato este que evidencia “o que é próprio da ciência régia, do seu poder teorematizado ou axiomático, é subtrair todas as operações das condições da intuição para convertê-las em verdadeiros conceitos intrínsecos ou categorias”<sup>21</sup>. Já a ciência menor “não é uma simples técnica ou prática, mas um campo científico (...)”<sup>22</sup> cuja ordem e natureza se difere e distancia da ciência maior, não se preocupa em “extrair constantes a partir de variáveis, porém de colocar as próprias variáveis em estado de variação contínua”<sup>23</sup>.

Continuando essa linha de pensamento, inserimos os jogos do tempo e do espaço considerando que esses conceitos também operam em uma ciência maior e menor. Desde os gregos, e continua ressoando na contemporaneidade, havia a preocupação de questionar: O que é tempo? O que é espaço? Como funcionam? Consideramos os efeitos do tempo e do espaço não de forma linear, sem fissuras e transgressões, mas como condições de possibilidade emergentes que ativaram diferentes - sem realizar juízo de valor ou contraposição -, regimes de saber/poder em cada época. Os conceitos de tempo e espaço podem ser pensados, vividos e sentidos de diferentes formas. Cria-se uma convenção cultural e social que está imbricada na produção de conhecimento e sua aprendizagem inicia desde quando criança com as primeiras experiências, a saber: o tempo e espaço de dormir, de comer, de andar, de falar, de brincar, de aprender e muitos outros.

No que se refere à definição do tempo, desde os gregos, a partir dos acontecimentos é que o tempo pode ser *cronos* e *ain*. O tempo é *cronos* como sendo a continuidade de um tempo sucessivo, ou seja, um tempo passível de ser numerado segundo os astros como o Sol, a Lua e as estrelas, ou ainda, pelos dias, meses, anos e horas que apontam sua linearidade e inflexibilidade presentes em nossas experiências. “O tempo tornou-se, portanto, a representação simbólica de uma vasta rede de relações que reúne diversas sequências de

<sup>20</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 34.

<sup>21</sup> Ibidem, p. 42.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 34.

<sup>23</sup> Ibidem, p. 36.

caráter individual, social ou puramente físico”<sup>24</sup>. Por outro lado, o tempo é *aion* quando se constitui a intensidade do tempo da vida humana, está fora do tempo, não pode ser numerável nem sucessivo. Tempo da descoberta, da criação, da inspiração, da intensidade de um instante e do movimento. É um *tempo-sem-tempo*. Isso implica dizer que os gregos consideravam a existência de temporalidades outras que atravessavam os acontecimentos.

Buscamos os pensamentos de Bergson, Deleuze e Guattari para evidenciar as metamorfoses sofridas pelo tempo e espaço na contemporaneidade. Assim, o tempo passa a ser um tempo múltiplo e único, finito e ilimitado em conexão com o *tempo vivido*, tempo percebido, tempo criativo, o fluir do tempo, que realiza

o movimento pelo qual saímos da nossa própria duração para afirmarmos a existência de outras durações, mais e menos contraídas que a nossa. Coincidir intuitivamente com o fluxo de um rio ou com o lento desgaste de uma rocha é captar o tempo que a inteligência só pode conceber enquanto uma medida.<sup>25</sup>

Isso implica em diferentes modos de viver um *presente vivo*, ou seja, a obrigação de vivê-lo, a impossibilidade de alguma vez saltar o intervalo de tempo por vir que é sempre imprevisível e indeterminado<sup>26</sup>.

Nesse sentido, medir o tempo é medir o espaço. Ao direcionar o olhar para o espaço é possível afirmar que para Platão o espaço era visto como sendo um receptáculo, para Aristóteles o espaço era lugar e assim foi desenrolando até chegar a Deleuze e Guattari, na contemporaneidade, que consideraram o espaço sendo liso e estriado. O espaço é dito ser liso (espaço nômade) e estriado (espaço sedentário) sendo que “os dois espaços só existem de fato graças às misturas entre si: o espaço liso não para de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso”<sup>27</sup>. As passagens de um espaço ao outro estão atreladas pelo movimento que os diferenciam, de forma complexa, e possibilita as misturas de fato. Em ambos os espaços existem pontos, linhas e superfícies e, portanto, paradas e trajetos, porém carregam especificidades, ou seja, “no espaço estriado, as linhas, os trajetos têm tendência a ficar subordinado aos pontos: vai-se de um ponto ao outro.

Diante do fato de que o tempo foi e ainda é ora *cronos* que rege, regula, aprisiona, cega, violenta e, ora *aion* que dura, vive, flui, multiplica, acontece e afeta. No entanto, o tempo não escapa de estar “abraçado” com o espaço que pode ser liso e/ou estriado, pois

<sup>24</sup> ELIAS, 1998, p. 17.

<sup>25</sup> BARRETO, 2007, p. 112.

<sup>26</sup> BERGSON, 2006.

<sup>27</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 180.

assim “repousa o caráter vívido [liveliness] do mundo”<sup>28</sup>, embora sejam considerados invariantes e separáveis. “Não existe nada humano fora do tempo e não existe nenhum tempo fora do humano. Entretanto: existe um único tempo dentro do humano e um único humano dentro do tempo? Com certeza, não”<sup>29</sup>. Assim, inspiradas pela multiplicidade do tempo e do espaço seguimos com o desenrolar do fio com a seguinte inquietação: Como o tempo e o espaço habitam os jogos de linguagem entre os pescadores artesanais de Florianópolis/SC e Tramandaí/RS? Coloquemos os jogos de linguagem dos Camaradas D’água para “jogar”.

### 3. Jogando com os Camaradas D’água

A água e o tempo são irmãos gêmeos nascidos do mesmo ventre<sup>30</sup>.

“*Onda cá*” e “*onda lá*” tiquetacam o tempo da pesca artesanal realizada pelos *pescador-maricultor*, *pescador-temporário*, *pescador-tarrafa* e *pescador-caíco*. Estes são os *Camaradas D’água*<sup>31</sup> que compõem essa pesquisa, eles *ficam peixe de manhã, de madrugada, ficam toda hora que for*. Nas águas de Santo Antônio de Lisboa, Barra da Lagoa (ambos em Florianópolis/SC), Barra do Tramandaí e Tiroleza (ambos em Tramandaí/RS) o tempo corre, escorre, flui, dura, inicia, acaba, recomeça, sopra, ilumina, escurece, aumenta, diminui e suspende. Ele é ora maré alta, ora maré baixa, mas pode ser também espera, intensidade, remanso e, até de lua cheia. O tempo é constituído, *vivido*, com e nos territórios da pesca artesanal. Considerando que “*o mar está pra peixe*”, embarcamos nessa aventura de viver um tempo outro e habitar um espaço liso que se deixa estriar para contar sobre e com esses pescadores artesanais como o tempo e o espaço são medidos e divididos na pesca.

Em Santo Antônio de Lisboa, Florianópolis/SC, a maré é a unidade temporal e espacial, ela regula os modos de agir e pensar do *pescador-maricultor*. Quando os ponteiros do relógio marcam quatro horas da manhã e as condições do vento, lua e maré são favoráveis se tem o instante de partida para a pesca. Tomando certa distância da praia é possível escolher um ponto de parada, guiado pelos nuances da maré e a coloração da água, para lançar a rede e fixar lanternas (lâmpadas) que sinalizam que ali alguém pesca. A duração do tempo é marcada

<sup>28</sup> MASSEY, 2019, p. 90.

<sup>29</sup> SKLIAR, 2003, p. 39.

<sup>30</sup> COUTO, 2012, p. 14.

<sup>31</sup> O uso do termo camarada é empregado, aqui, de forma carinhosa e respeitosa como sinônimo de amigo. Foi também inspirado pela música Camarada D’água composta por Fernando Anitelli e Danilo Souza, presente no álbum *Recombinando Atos* (2013), interpretada pelo grupo Teatro Mágico. A versão completa está disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/o-teatro-magico/camarada-dagua.html>>. Acesso em: 17. set. 2015.

pelo clarear do dia - este entendido como um processo, um acontecimento em devir -, e com a agitação da maré sabe-se o momento de recolher as redes e encerrar a pescaria. Nesse sentido, o tempo vivenciado pelo *pescador-maricultor* é *cronos* por ter um horário de partida, seguir a sequência das fases da lua, manhã-tarde-noite, mas é *aion* quando não se delimita, fixa, um acontecimento em sua intensidade. Quanto ao espaço, é liso no momento de partida em direção ao encontro com o peixe, mas deixa-se estriar quando constitui um mar “de pontos luminosos” que dividem os territórios de pesca.

Na Barra da Lagoa, Florianópolis/SC, a temporada da pesca da tainha regula o tempo e o espaço. A espera pelo peixe implica nos jogos de saber/poder seguidos pelo *pescador-temporário*. Em uma pesca coletiva cada um tem sua função: o vigia avista o cardume se aproximar, aciona o grupo para colocar a canoa no mar, seguem sete pescadores-temporário para remar, lançar a rede, dar direção a canoa e cercar o cardume. Os demais aguardam na beira da praia para puxar a rede do mar. O peixe não tem hora, pode acontecer um lance de captura, dois ou nenhum. A regra da pesca é que não tem regras. Nesse sentido, o jogo de linguagem utilizado pelo *pescador-temporário* participa do tempo *cronos* ao seguir a sequência manhã-tarde-noite, fases da lua, a mudança da maré, mas opera mais fortemente em um tempo *aion* que se vive na intensidade de um *presente vivo* que está sempre em vias de atualizar-se. Já o espaço é considerado misto, pois é liso quando espera pelo peixe e torna-se estriado no momento em que é realizado o cerco, ou seja, o mar é delimitado, demarcado. Assim, vai do liso ao estriado e volta a ser liso.

Na Barra do Tramandaí, Tramandaí/RS, o cuco do relógio é o boto. O tempo e o espaço que a pesca acontece é marcado pelo boto, é a partir de sua presença que o *pescador-tarrafa* executa seus lances. Em outras palavras, a presença do boto regula o instante das tarrafadas e o espaço que possui mais chances de pegar o peixe. Contudo, a precisão da imprecisão da sua chegada e partida nos mostrou que o tempo também escapa dos ponteiros do relógio. E na sua ausência, o *pescador-tarrafa* conta com a sensibilidade, suas formas de conhecimento geradas pela prática da pesca e o elemento da sorte, pois “*nem tudo que se vê, se pega e, nem tudo que se pega, se vê*”. O tempo é um tempo *aion* em sua certeza da incerteza que se vive na intensidade, em um tempo que dura à sua maneira. E segue sutilmente um tempo *cronos* marcado pelos processos cíclicos, sucessivos em que a pesca se desenrola. O espaço é liso até o momento em que o boto pula e tarrafas são lançadas na água, ou seja, há a necessidade de estriar, marcar pontos de pesca para pegar o peixe.

Em Tiroleza, Tramandaí/RS, ocorre a dança entre balizas que determinam o tempo e espaço habitado pelo *pescador-caíco*. As balizas são estacas de madeiras fixadas ao longo da lagoa, numeradas de um a trinta e dois, que são condicionadas a um sorteio entre *pescadores-caíco*. No período de uma noite, cada pescador-caíco coloca sua rede em uma baliza determinada pelo sorteio, sempre na sequência da baliza número trinta e dois, depois trinta e um e assim, até chegar às primeiras que são mais favoráveis para a pesca. Caso tenha quarenta pescadores, número maior em relação às balizas, estes ficarão oito noites até entrar no jogo. Assim, o tempo opera com uma duração estabelecida, fixa, convencional, mas vive-se a pesca em sua intensidade de esperar pelo peixe, torna-se *aion*. Da mesma forma, o espaço necessita ser dividido para dividir a oportunidade e “sorte” de pegar o peixe. O espaço liso da lagoa vai sendo estriado com os caícos (embarcações) se aproximando das balizas, onde é capturada pelas balizas e cria territórios moventes de pesca.

Ao realizar o entrelaçamento dos jogos de linguagem dos Camaradas D’água podemos observar como o desejo de pegar o peixe ativa a vontade de organizar, ordenar, regrar e medir criando assim, linhas moventes de contagem, medição e divisão para habitar o tempo e o espaço. Em outras palavras, no mundo da pesca artesanal de cada *mar-lagoa* o tempo pode ser dividido em *cronos* e *aion* e o espaço pode ser *liso* e *estriado*, ambos estão atrelados ao movimento dos acontecimentos em devir.

#### 4. Um emaranhado de tempo e espaço...

O mundo da pesca artesanal é constituído pela bagunça organizada ou pela organização bagunçada que me fez entender que as relações métricas podem estar tão fixas quanto se queira, mas sempre serão atravessadas pelos axiomas que flutuam, correm e escorrem na medida em que se movimentam com as águas dos acontecimentos. É um tempo e espaço outro que potencializa viver diferentes multiplicidades métricas e não-métricas. Nesse sentido, estando situados em cada *mar-lagoa*, os *Camaradas D’água* não só apresentam semelhanças de família ao viver o tempo e habitar o mundo da pesca artesanal e, a repetição nos modos de conhecer que se dão pela maré, vento e lua, mas também traçam linhas de descontinuidades ou diferenças. Isso implica dizer que cada pescador artesanal possui um modo de ser e estar pescador artesanal compondo uma pluralidade de “eus-pescador”, fato este que provoca desconforto ao supor generalização e uma única identidade. “Todas as

são apenas simuladas, produzidas como um “efeito” ótico por um jogo mais profundo, que é o da diferença e repetição”<sup>32</sup>.

Nesta busca de compreender o tempo e espaço do Outro, podemos tecer entendimentos de que mais do que medir o tempo vive-se ele e mais do que medir o espaço habita-se nele. Falo de um tempo outro que se mistura, se divide, escapa, flui, corre e para. O tempo é peixe. Contudo, não só o tempo, mas também o espaço é peixe. Um espaço liso, nômade, simples, vivo que flutua, desliza e mistura os caminhos ao criar condições para territorializar, des-territorializar e re-territorializar. Viver na e da pesca é viver uma rotina-sem-rotina, pois assim como na vida, mesmo que a “sorte” possa ajudar, é preciso lançar as redes todos os dias.

Sem perder a racionalidade matemática de vista, entendemos que “Aprender matemática, nesse sentido, é compartilhar significados em diversos usos, penetrar nos diferentes jogos de linguagem”<sup>33</sup>. Na perspectiva wittgensteiniana, não há jogos de linguagem melhores ou piores o que existe são jogos de linguagem diferentes. Nesta mesma linha caminha “o cuidado, por parte dos pesquisadores em Etnomatemática, de evitarem tratar essas “outras matemáticas”, “selvagens”, “populares” como se fossem imperfeitas, inacabadas que demandariam um trabalho científico de purificação e de transposição científica”<sup>34</sup>. No entanto, não significa que a “Matemática dos pescadores artesanais” ou “outras matemáticas” não possam minar os territórios escolares e acadêmicos como força de resistência em relação à Matemática Acadêmica<sup>35</sup>.

## Referências

- BARRETO, Márcio. **O anacronismo do tempo**: um debate atual entre Einstein e Bergson. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Campinas, SP: UNICAMP, 2007.
- BERGSON, Henri. **Duração e Simultaneidade**: a propósito da teoria de Einstein. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CONDÉ, Mauro Lúcio Leitão. **As teias da Razão**: Wittgenstein e a crise da racionalidade moderna. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2004.
- COUTO, Mia. Nas águas do tempo. In: **Estórias Abensonhadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 9-14.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

<sup>32</sup> DELEUZE, 1988, p.16.

<sup>33</sup> MIGUEL; VILELA & MOURA, 2012, p.10.

<sup>34</sup> DUARTE; TASCHETTO, 2013, p.115.

<sup>35</sup> DUARTE; TASCHETTO, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, v.5; Tradução Peter PálPelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997.

DUARTE, Cláudia Glavam; TASCETTO, Leonidas Roberto. Ciência Maior e Ciência Menor: ressonâncias da filosofia de Deleuze e Guattari na Etnomatemática. **ALEXANDRIA: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, Florianópolis:UFSC, v.6, n.1, p. 105-118, 2013.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. Verdade e Poder. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MIGUEL, Antonio; VILELA, Denise Silva; MOURA, Anna Regina L. Problematização indisciplinar de uma prática cultural numa perspectiva wittgensteiniana. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.20, n2, p.06-31, 2012.

MORENO, Arley. R. **Wittgenstein: ensaio introdutório**. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1986.

SARAMAGO, José. **O conto da Ilha desconhecida**; Aquarela Arthur Luiz Piza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. LOPES, Maura C. Identidade, cultura e semelhanças de família: as contribuições da virada linguística. In: BIZARRO, Rosa (Org.). **Eu e o outro: Estudos Multidisciplinares sobre Identidade(s), Diversidade(s) e Práticas Interculturais**. Porto: Areal, p.19-35, 2007.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Tradução Marcos G. Montagnoli. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.